

■ OPINIÃO

EDITORIAL

Confirma-se a reativação da economia - Brasil

Ainda não é o momento para comemorações ou fogos de artifício, mas a economia brasileira começa efetivamente a retomar o crescimento. Não são só os dados sobre a evolução do PIB no primeiro trimestre, divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que confirmam esse início de retomada.

De fato, os desempenhos do setor siderúrgico e da indústria paulista no primeiro quadrimestre mostram que a demanda interna se reativa, embora no segundo caso as exportações ainda continuem como principal alavanca das suas atividades.

Segundo o IBGE, no primeiro trimestre o PIB cresceu 2,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Esse é o primeiro resultado positivo após três trimestres consecutivos de queda na comparação com os mesmos trimestres do ano anterior. Deve-se considerar que a base de comparação é fraca, pois o primeiro trimestre do ano passado foi marcado pelas incertezas provocadas pela transição de governo. Assim, o fato relevante é

que na comparação com o último trimestre do ano passado o PIB tenha crescido 1,6%.

Os números divulgados pelo IBGE não contrariaram as expectativas e, para economistas ouvidos por este jornal, são compatíveis com crescimento do PIB em torno de 3,5% este ano, se não ocorrerem graves turbulências nos âmbitos interno e externo.

Dois aspectos devem ser destacados. O primeiro é a expansão dos investimentos. A taxa de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) aumentou 2,2% em relação ao primeiro trimestre e 2,3% na comparação com o último trimestre de 2003. É uma taxa ainda insuficiente diante das necessidades do País, mas poderá ganhar impulso daqui para a frente, se a demanda interna também mantiver a tendência de crescimento.

A outra variável importante é o crescimento do consumo das famílias,

de 1,2% em relação ao primeiro trimestre e de 0,3% na comparação com os últimos três meses de 2003. Esse reaquecimento é creditado, entre outros fatores, à oferta de crédito mais barato e a uma mudança de expectativas dos consumidores.

De acordo com levantamento da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) divulgado nesta semana, além das exportações o consumo interno começa a estimular as vendas do setor industrial paulista. As vendas reais da indústria aumentaram 24,5% em abril, na comparação com o mesmo mês de 2003. No cômputo do primeiro quadrimestre, registrou-se alta de 19,1%, embora as vendas tenham recuado 6,1% em relação a março deste ano.

Na avaliação de Cláudio Vaz, diretor do departamento de pesquisas e estudos econômicos da Fiesp, a exportação continuou puxando as ven-

das, mas setores voltados para o mercado interno mostraram crescimento em relação ao ano passado, mesmo que de forma desigual. Os sinais de reaquecimento no mercado doméstico referem-se principalmente aos segmentos mais sensíveis ao crédito.

É o que ocorre com alguns bens de consumo duráveis. As vendas de eletrodomésticos da linha branca (geladeiras, fogões e outros) e de imagem e som, que no primeiro trimestre (o setor ainda não divulgou os dados de abril) apresentaram crescimento de, respectivamente, 18% e 68% em comparação com o mesmo período de 2003. No acumulado dos quatro primeiros meses do ano, as vendas de veículos cresceram 12%.

Esse comportamento positivo tem muito a ver com a melhora na oferta de crédito, graças aos financiamentos com desconto em folha de salário. O diretor da Fiesp observa que no início de 2003 registrou-se queda intensa nas vendas de eletrodomésticos, mas o consumo se recuperou neste ano devido à abertura de linhas de crédito.

Outro sinal de recuperação da economia doméstica é o crescimento, no período de janeiro a abril, de 8,8% das vendas internas da indústria siderúrgica se comparadas às do primeiro quadrimestre do ano passado. O setor vendeu no mercado interno 5,6 milhões de toneladas de aço bruto, em comparação com 5,1 milhões de toneladas nos quatro primeiros meses de 2003. Por sua vez, as exportações caíram 1,4%, de 3,93 milhões de toneladas em 2003 para 3,88 milhões este ano.

Significativamente, as vendas de aço até abril cresceram em todos os segmentos da indústria siderúrgica (semi-acabados, planos e longos), puxadas pelas demandas dos setores automobilístico, de autopartes (impulsionado pelas exportações), bens de capital para os setores naval e ferroviário e pela construção civil.

Todos esses dados sinalizam que o pior já passou. Há espaço para otimismo, mesmo que moderado.

Para imprimir, enviar ou comentar, acesse:
www.gazetamercantil.com.br/editorial